

GESTOS RASGADOS EM IMAGENS-SEPULCROS

TORN GESTURES IN TOMB-IMAGES

Ana Carolina Tavares Sousa¹
Universidade Federal do Rio Grande - FURG
Associado/a/e ANPAP: não

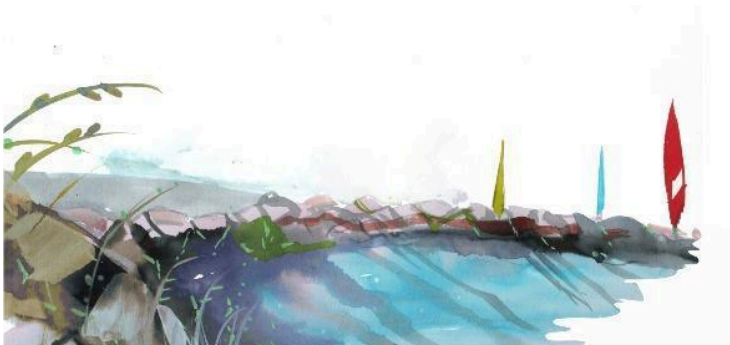
Resumo: A série *Sepulcro* constitui uma produção artístico-visual que tem como escopo a estigmatização de mulheres “desviantes” da ordem social, entre os séculos XIX e XX, no Ocidente. Nesse contexto histórico, a loucura – termo genérico que (des)qualificava inapreensíveis experiências subjetivas – fora tomada pela Ciência, campo epistêmico dominado por homens, como disfunção inerente ao feminino. Fazendo uso de retratos anônimos e excertos de diagnósticos psíquicos verídicos, a produção poética escancara o apagamento perpetrado a mulheres mediante um processo institucionalizado de silenciamento.

Palavras-chave: Mulher. Loucura. Estigma. Arte Contemporânea.

Abstract: *The Sepulcro series is an artistic-visual production that addresses the stigmatization of “deviant” women from the social order between the end of the 19th century and the mid-20th century, in the West. In this historical context, madness – a generic term that (dis)qualified incomprehensible subjective experiences – was taken by Science, an epistemic field dominated by men, as a dysfunction inherent to the feminine. Using anonymous portraits and excerpts from true psychic diagnoses, the poetic production exposes the erasure perpetrated against women through an institutionalized process of silencing.*

Keywords: *Woman. Madness. Stigma. Contemporary Art.*

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA/FURG). Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e licenciada em Artes Visuais pela FURG. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4616924594142683>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5492-8483>.



Apresentação

Durante séculos, a cultura patriarcal condicionou inúmeras mulheres à subjugação, estrangulando qualquer expressão “desviante” àquela instituída socialmente, produzindo regimes de verdade calcados na manutenção do poder centrado na figura do homem e conferindo ao olhar masculino o lugar de uma perspectiva universal, dominante e normatizadora (SCHMIDT, 2017).

Nesse sentido, a construção social de gênero operou como pilar para a dominação simbólica sobre as mulheres em sociedades ocidentais e, mesmo na atualidade, é usualmente referenciada com saudosismo por grupos conservadores que nela buscam a justificativa para a perpetuação de lógicas de poder sobre grupos historicamente subalternizados.

Não obstante, para que a lógica androcêntrica não tivesse sua legitimidade questionada, recorreu-se à introjeção de discursos os quais, por suas supostas evidências, fossem naturalizados como verdades absolutas. Assim, essa estrutura de dominação eclipsou o discurso científico de uma Medicina pretensamente objetiva e imparcial, a Medicina Alienista.

Sob a égide da neutralidade, essa especialidade médica reconhecida cientificamente desde o início do século XIX e voltada ao tratamento da alienação mental – sendo mais tarde batizada de Psiquiatria – contribuiu fortemente para a perpetuação da histórica hierarquia social, corroborando aos processos de silenciamento feminino.

Nesse contexto, parte da produção de conhecimento científico, e, especialmente, dos estudos neurológicos e psiquiátricos, tinha como um dos principais focos de interesse o corpo feminino e sua relação com o que, à época, concebia-se como “natureza feminina”. Alicerçada pela diferença sexual entre homens e mulheres, uma parcela considerável das investigações psicopatológicas enfatizava as possíveis implicações de aspectos fisiológicos sobre padrões comportamentais considerados degradantes (APPIGNANESI, 2011). Assim, os estereótipos de gênero se consolidaram sob o pretexto uma perspectiva biologizante, sendo ignorados os discursos e práticas sociais que precedem os corpos (CONNEL; PEARSE, 2015), dicotomiza-os e subordina-os.

Em uma produção artístico-visual que envolve a apropriação de retratos femininos anônimos e excertos de diagnósticos psíquicos verídicos datados dos séculos XIX e XX (ENGEL, 2006), busco escancarar o apagamento perpetrado a mulheres mediante um processo institucionalizado de silenciamento. Na série, o gesto de rasgar as fotografias omite as faces femininas de modo a obstruir a identificação das mulheres retratadas; parte do papel fotossensível é arrancada e, através da fenda provocada, diagnoses emergem do fundo de estruturas-caixas – pequenos sepulcros –, dando a ver algumas das condições apontadas como causas ou sintomas para supostas disfunções psíquicas.

Em *Sepulcro* (2019), as feridas abertas na superfície das imagens deixam entrever indícios de uma estratégia que relegou mulheres ao confinamento, ao silenciamento, ao apagamento e ao esquecimento. Diante de uma cruel e contínua mortificação de suas histórias, é preciso seguir abrindo feridas do passado que insistem em não cicatrizar no presente...



Imagem 1. Ana Tavares, s/ título, intervenção manual em fotografia de acervo e texto impresso, 20 x 30 x 3 cm, Rio Grande, 2019.

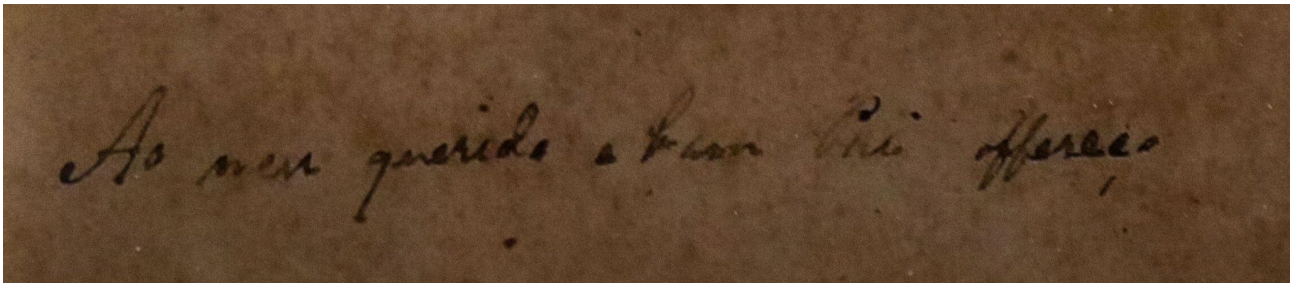


Imagem 2. Ana Tavares, s/ título, fotografia de acervo, 20 x 30 x 3 cm, Rio Grande, 2019.

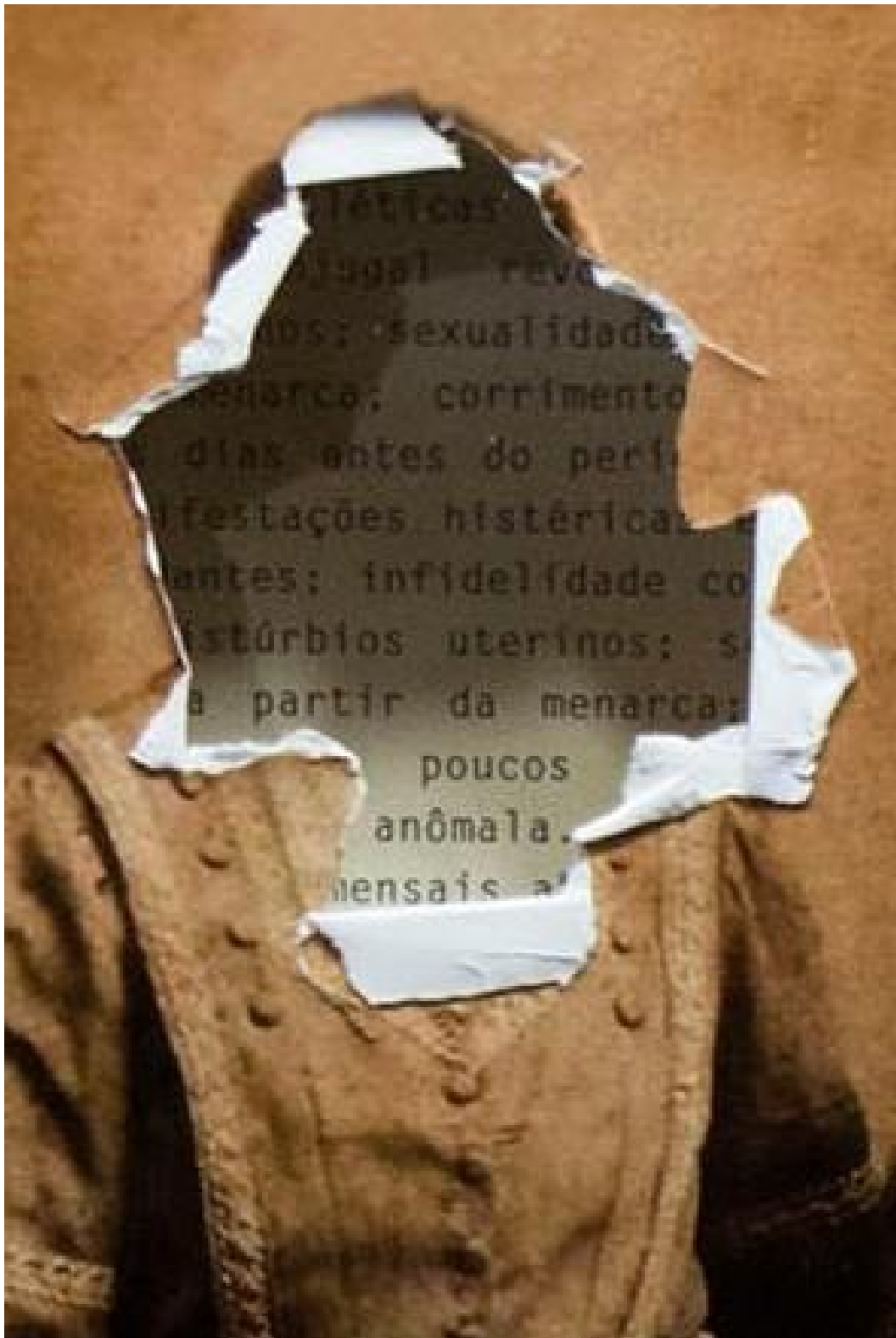


Imagem 3. Ana Tavares, s/ título, intervenção manual em fotografia de acervo e texto impresso, 20 x 30 x 3 cm, Rio Grande, 2019.



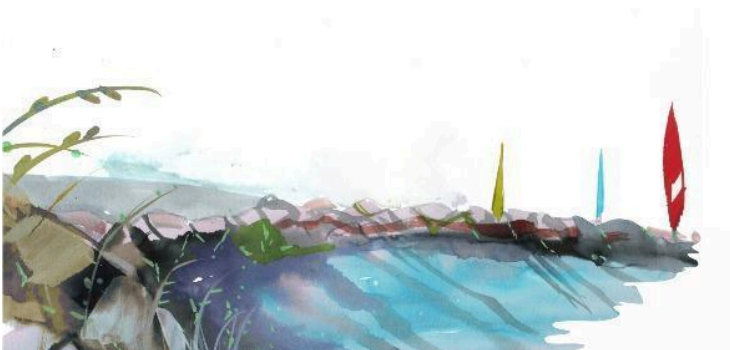
Imagem 5. Ana Tavares, Sepulcro II, intervenção manual em fotografia de acervo e texto impresso, 20 x 30 x 3 cm, Rio Grande, 2019.



Imagem 6. Ana Tavares, Sepulcro III, intervenção manual em fotografia de acervo e texto impresso, 20 x 30 x 3 cm, Rio Grande, 2019.



Imagem 7. Ana Tavares, Série Sepulcro, intervenção manual em fotografia de acervo e texto impresso, 20 x 30 x 3 cm, Rio Grande, 2019.



Referências:

APPIGNANESI, Lisa. **Tristes, loucas e más**: a história das mulheres e seus médicos desde 1800. Rio de Janeiro: Record, 2011.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero**: uma perspectiva global. São Paulo: nVersos, 2015.

ENGEL, Magali. Psiquiatria e feminilidade. In: DEL PRIORI, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **Descentramentos/convergências**: ensaios de crítica feminista. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.